

SOLIDARIDOCHÃO

Edivana Cássia Munhós Suriano¹

No espaço aberto, onde o sol já nasce espalhando sua radiação por todos os cantos, os meninos, ainda crianças, correm pelas praças, ruas e avenidas a pedir um pouco de atenção. Sentados nos bancos, os velhinhos passeiam seus olhos na paisagem de um tempo que ressuscita em suas lembranças.

Os transeuntes, sempre passageiros, passam com suas pressas, cada qual perdido no seu tempo. Envelhecendo a cada passo, não percebem o que brota da rachadura da parede de um edifício, nem as suas pedras.

A Terra continua seu caminho, e o sol, severo, agora mais alto e forte, estende seus braços acordando os mais preguiçosos, fazendo suar o corpo, lançando até a mais minúscula sombra para fora da caverna. Um rapaz, perdido, balbucia o que para ele parece ser um pedido, uma informação.

O desconhecido, num gesto automático, sem olhar para o rosto do jovem, diz não poder ajudar. O que importa a estrada para quem não tem onde parar? Nesse momento, em que a temperatura é mais alta e tudo parece ferver em busca de se transformar, o silêncio é impossível de se ouvir. Todos estão acordados, procurando.

Há muito tempo se perdeu. O sangue vivo e pulsante permite que entrelacem nas suas ruínas rudes forças e fortes fraquezas. A ressonância do seu lábio seco faz vibrar as tênues cordas onde se equilibram todos os sons afinados de uma sinfonia.

Ele-outro, quieto, quer se aproximar. Do lixo, uma carroça. Os semáforos orquestram os passos cadentes e elementares de cada andar. A velocidade conduz os elementos humanos - um a um -, relógio das catedrais.

A realidade quer ser ficção: sentimentos querem sair das salas para o outro lado. O palhaço que vende algodão-doce-colorido triunfa anônimo entre olhares distantes. Em cima do monumento histórico, um homem grita o seu poema gutural para uma multidão surda e indiferente.

¹ Professora Efetiva de Língua Portuguesa da rede pública estadual de ensino (SEED-PR). Mestra Profissional em Letras pelo PROFLETRAS (UFRN-UEM). E-mail: edivanamunhoz@yahoo.com.br

O sol abraça a terra num movimento lento, entardecendo numa varanda. Os pombos, os pardais, preparam vôo. Tudo vai ficando vazio, as crianças, os palhaços, as imagens aos poucos vão se escondendo. O barulho, os rostos cansados, os sonhos adiados, as ilusões humanas... No céu, um sinal de luz brilha sobre o menino afagado em um cachorro. O chão é um convite para o descanso.

*Recebido em 31 de maio de 2018
Aprovado em 16 de agosto de 2018*